

O APOSTOLO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

14-18 Rua Nova do Ouvidor 14-18

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS, SEXTAS E DOMINGOS

PREÇO DA ASSIGNATURA ADIANTADA

Por anno. \$3000 | Por semestre \$2000

Dum lucem habetis, credite in lucem. (S. João, cap. 12, v. 36.) Clama itaque, clama, ne cesses. (Carta de Pio IX á redacção do Apostolo.)

Guardamos os dias santificados.

AOS CATHOLICOS.

Para socorrer as victimas da nundação, em Portugal, o «Apostolo» aceita todo e qualquer donativo que os catholicos da corte e provincia do Rio de Janeiro lhe queiram enviar para tão caridoso fim.

O APOSTOLO

Rio, 13 de Abril de 1877.

O Sr. senador padre Pompêo.

Ha defezas, como ha elogios, que são verdadeiras accusações, verdadeiras censuras.

Foi o que fez Ganganelli quando distinguio no seu ultimo artigo ao Sr. senador padre Pompêo, elevando o seu discurso ao setimo céu maçónico.

O Sr. senador padre Pompêo não andou bem, tratando da questão religiosa, quer como politico, quer como padre catholico.

Como politico encarou a questão segundo a escola regalista, tão opposta á escola liberal, da qual é adepto S. Ex.; esquecendo portanto, só em bem do Estado, os principios liberaes que condemnam nas mãos de um só, toda a força do poder.

Como padre catholico pugnou pela servidão da Igreja, e procurou sujeitar o espirital ao temporal, o que com certeza não vai bem a um padre catholico.

Deduz-se, portanto, do seu discurso, que S. Ex. quer um rei-pontífice, se bem que no temporal condemne o rei, que reina, governa e administra.

São estas incoherencias em que tanto abunda a escola liberal, que sem duvida excitaram os bravos de Ganganelli, o insultador publico da religião, da qual é ministro o Sr. senador padre Pompêo.

Repugna portanto ver que um padre sem duvida instruido, que por vontade do povo, foi posto no senado como sentinella da liberdade constitucional, pareça que quer a espada de Cesar na mão de Cesar, como na camara dos deputados disse inconsideradamente o Sr. deputado Dantas, em um aparte que desafiou a hilaridade geral.

Não queremos approximar o Sr. senador padre Pompêo do Sr. deputado Dantas, nem podemos fazel-o, porque bem conhecemos a superioridade de um sobre o outro, mas lamentamos que o falseamento da doutrina tanto os conchegasse.

Esse falseamento foi sem duvida que obrigou Ganganelli a igualar-o e a cantar lóas em honra de ambos; falta agora que obtenha da maçonaria uma comissão para saudar ao Sr. senador padre Pompêo, igual em tudo a que foi dizer ao Sr. deputado Dantas, que era elle um grande homem no Brazil.

Entre nós é assim que se procede, a ambição de gloria estabeleceu sociedades de elogio-mutuo e é para lastimar-se que o mal passe das sociedades litterarias para o parlamento.

Está cumprido o nosso dever, declarando pouco corrente com a verdadeira doutrina da

Egreja a que o Sr. senador Pompêo expendeu no seu discurso e avisando-o de tal inconveniencia, que mereceu os elogios de Ganganelli. Não se deixa S. Ex. enroscar pela serpente, que afinal o esmagará inevitavelmente, como tem esmagado a tantos outros. O conselho é de amigo.

SECÇÃO RELIGIOSA

Influencia politica da Companhia de Jesus.

VIII

D. Maria Francisca Isabel de Saboya, quando veio da Franca para contrahir matrimonio com el-rei D. Afonso VI, trouxe por seu director o padre Francisco de Ville, jesuita de grandes virtudes, que tinha sido o seu guia desde a menicnie. Este religioso mostrou-se sempre indifferente aos negocios politicos.

O abade Gregoire, insigne revolucionario, bispo constitucional da Franca, na sua Historia dos Confessores dos Reis, diz o seguinte:

« O padre de Ville, jesuita francez, confessor da rainha, e um certo padre Verjus, também francez e da mesma sociedade, pretenderam que o matrimonio era nullo porque o rei era impotente. Ainda que o principe sustentasse verbalmente o contrario, foi-lhe extorquido um scripto em que declarava que a rainha estava virgem. Conhecem-se as consequencias desta intriga. D. Afonso VI, sendo destronado, tornou-se cunhado de sua propria mulher, casada com D. Pedro, que só tomou o titulo de rei depois da morte de D. Afonso. »

Mas estas asserções do celebre demagogo da convenção franceza são desmentidas pelos testemunhos contemporaneos. Já dissemos que a maior parte dos autores são unanimes em accusar D. Afonso VI. A sua incapacidade reconhecida foi a causa principal da sua deposição, e esta foi determinada pelas córtes da nação.

A inhabilidade physica d'el-rei para dar successor á coroa era murmurio geral, ainda antes do casamento, e continuava depois de effectuado, a ponto que D. Afonso mesmo e seu ministro, o conde de Castello-Melhor, trataram do casamento do infante D. Pedro. E é de notar que o confessor de ambos era o jesuita Manoel Fernandes.

Além disso, o marquez de Sande, antes do partir para a Franca a concluir o casamento d'el-rei, fallou ao validado no defeito que se murmurava no rei. Declarou elle que era uma impostura, ou por cuidar que assim era verdade, ou porque assim convinha ao seu valimento. E', contudo, certo que tal era a voz commum.

Quem convenceu el-rei a demittir-se do governo, não foi nenhum jesuita, nem mesmo individuo da parcialidade do infante: foi o velho marquez de Cascaes, amigo de D. Afonso VI.

Não entraremos na questão do divorcio entre el-rei e sua esposa; é certo que elle foi julgado segundo as leis canonicas pelo cabido da Sé de Lisboa. O Papa que sujeitou esta causa a uma congregação de cardeais

e ao voto dos theologos mais notaveis, decidiu que era justa a sentença de nullidade, e confirmou a dispensa que tinha sido concedida pelo seu legado em Paris, o cardeal Luiz duque de Vandome.

O padre Francisco de Ville entrou neste negocio como confessor da rainha. Sem duvida isto é um caso de consciencia que o director espirital devia declarar; e o jesuita de Ville, em vista da exposição da sua confesada, podia julgar necessaria a separação quoad vinculum, e nullo o matrimonio com el rei, sem exorbitar dos seus deveres; antes devemos dizer que obrou rectamente.

E' inteiramente falso o que o abade Gregoire attribue ao padre Vejus, jesuita; não foi elle que interveio neste negocio; foi um seu irmão. Luiz de Verjus, que então assistia em Lisboa como enviado dos principes da casa de Vandome. Este embaixador conseguiu do cardeal a dispensa para o casamento.

O autor da Catastrophe, diz: « Logo que se começou o litigio, se teve por certo que se havia de annullar o matrimonio, porque a notoriedade com que constava da impotencia de el-rei, fazia infallivel a sentença da separação. Com este fundamento começaram os bons portuguezes, desejosos da successão real, a dizer que Sua Alteza devia casar com a rainha. »

E, com effeito, nas córtes de 1668 se tratou deste objecto, supplicando-se ao regente que devia celebrar matrimonio com D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

Alguns autores clamam contra a rainha, alchumando-a de impudica e adúltera. Mas nós vemos que a historia imparcial confessa as suas grandes virtudes.

O autor da Catastrophe chama-lhe « insigne e soberana princeza que, antes de pretendida para as reaes bodas, era com renomes santos denominada. »

Um historiador portuguez, depois de escrever bastante em seu desabono, conclue assim: « E' forçoso reconhecer-se-lhe e confessar-lhe virtudes e acções todas cheias de nobreza, magnanimidade e excellencia. »

O jesuita de Avrigny, nas suas Memorias, diz: « Esta princeza foi uma segunda Esther sobre o throno, e o modelo de todas as rainhas christãs. »

O grande historiador Pedro de Orleans, na vida que escreveu de D. Maria Francisca Isabel, faz della uma heroína, exemplar das esposas e rainhas.

Eis aqui o que foi a rainha D. Maria Francisca, digna o que quiserem alguns escriptores que não tratam de ser justos, nem de apresentar os factos na sua verdadeira luz, e só sacrificam aos prejuizos do partido. Foi uma princeza de relevantes virtudes, cujo director espirital, o jesuita Francisco de Ville, não podia deixar de intervir na questão da nullidade do matrimonio. Mas a sua intervenção foi dentro dos limites do seu ministerio, e por isso licita e justa.

O casamento da rainha com D. Afonso VI foi declarado nullo pela autoridade competente. Se foi bem ou mal julgado, não nos pertence decidil-o, nem ninguém se pôde considerar habilitado para isso, em todo o caso seguiram-se os termos da lei canonica no juizo ecclesiastico, e a sua sentença foi approvada pelo

cabido da Igreja.

Alguns escriptores se admiram que os theologos de Lisboa declarassem nullo quoad vinculum o matrimonio da rainha com D. Afonso, e chamam-lhe sentença escandalosa. Má fé ou ignorancia decidida! Aonde está o escandalo? Pois será coisa nova o annullar-se um matrimonio? Não pôde elle ser nullo por algum impedimento canonico? E não é á Igreja que compete decidir este ponto?

Pelo que respeita ao assumpto que nos occupa, notaremos que nesta sentença não entrou nenhum jesuita.

Dissolvido o laço conjugal, a rainha declarou que ia partir para a Franca, o jesuita de Ville lhe aconselhava isto mesmo. Porém os estados do reino e senado da camara de Lisboa lhe supplicaram que desistisse do seu intento, e que devia passar a segundas nupcias com o principe regente.

De tudo o que acabamos de dizer se collige que os jesuitas nada influíram na deposição de D. Afonso VI, nem na questão da nullidade do seu matrimonio. Foi o accordo unanime de todas as ordens do Estado. E a incapacidade physica e moral de D. Afonso VI, reconhecida por todos os escriptores, contribuiu poderosamente para este desfecho.

Os adversarios da Companhia de Jesus querem ver jesuitas em tudo, em todos os acontecimentos em que figurou algum religioso da ordem de Santo Ignacio. Atribuem á companhia todo o mal (ou supposto tal) que acontecia nas córtes ou nos estados.

Nada mais falso e calumnioso. Os jesuitas não entraram nos negocios politicos senão quando estes se ligaram á religião e á salvação das almas; e quasi sempre obraram mais como membros passivos do que activos.

E' cousa provada que em todos os tempos os jesuitas se têm retirado dos marulhos politicos, fugindo das honras e dignidades, e se têm restringido aos seus deveres religiosos.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

A cathedra de Burgos

(Padre Senna Freitas)

— Olhe, lá está enfim a famosa cathedra de Burgos—dizia-me o meu companheiro de viagem, ao chegarmos nós a esta cidade septentrional da Hespanha, e apontando para essa floresta de agulhas e torres que a vista contempla a vôo do passaro na passagem rapida do comboio.

Chegavamos com effeito á patria do Cid. No dia seguinte, pela manhã, quando ainda a cidade estava toda recolhida no mysterioso torpor do somno, sahia eu do hotel, para me ir curioso e christão contemplar essa basilica sumptuosa que ella guarda ciosa em seus muros como o seu mais valioso thesouro. De ha muito desejava eu vê-la, e verificar por mim mesmo se é de facto, conforme as descrições dos touristas, um dos mais bellos templos da catholicidade, e se porventura, fórma com as armas invenciveis do Cid o mais puro titulo da gloria do povo burguense.

O estylo da cathedra é gothico, sem ligar alguma de arabe ou romano. Era a primeira qualidade que tinha para mim em seu favor.

Incontestavel superioridade do estylo ogival sobre todos os outros. O grego, por exemplo, ou o mourisco, podem exprimir um templo, como um theatro, uma mesquita, ou um castello feudal, podem, digo, na sua fórma indecisa, aptar-se ao profano como ao religioso; o estylo gothico não admite transacções com a terra, não empresta seus moldes christãos aos edificios dos homens, nem seus pulos sublimes a idéas que rastejam. Sua origem, natureza, expressão e tendencia são essencialmente religiosas. Se se apoiou sobre a terra, é para desenvolver-se no espaço, para procurar regiões mais puras, e levar até ao throno de Deus os ecos da oração.

Do seio de 60,000 fogos, onde dormina por toda a parte a linha horizontal, a cathedra eleva-se para os ares na pobreza exclusiva da sua fórma vertical, como uma preocupação da eternidade no meio dos nossos pensamentos de terra a terra, como o prégio secular de um povo de crença.

A cathedra de Burgos é com certeza uma das mais esplendidas que tenho visto desde a Europa septentrional até aos confins da península occidental.

Linda flor do mais genuino estylo gothico, como já notei, sahio como uma só peça do mesmo molde onde foi vasada a famosa abbadia de Westminster, ou a magestosa cathedra de Amiens.

Não é costume á sua vastidão que a colloca a par dos primeiros templos do catholicismo. Medirá, quanto muito, uns 300 pés de comprimento, quando S. Paulo de Londres e S. Pedro de Roma têm muito mais do dobro, mas primos pelo acabado do estylo, pelo irreprehensível das proporções, pela summa delicadeza dos abertos e dos relevos.

Pena é que se acha encravada entre ruas e becos, sepultada n'uma das posições mais baixas do municipio, e não n'um local proeminente.

O frontispicio não deixa de ser grandioso, sem o ser tanto como outras partes do templo. Mais notavel é sem duvida o de Santo Ambrosio de Milão: cujo gosto é o mesmo. Os florões e os talhados apinham-se acima do portico principal, e fazem contraste com a simplicidade talvez excessiva do resto da fachada.

As agulhas são de uma belleza e de uma graça incorrigível. Quiz vê-las de perto, e subi ao mirante. Foi então que melhor pude apreciar todo o trabalho de paciencia, e todo o genio architectural que presidio á construcção total deste monumento, magnifico acto de fé, de pedra. As agulhas têm a fórma de um cone aberto em ramagens. Puz um pé sobre o telhado que se acha debaixo deste cone, e olhando-o pela base, pude devesar á vontade o mysterio da sua caprichosa architectura. Cada um delles é uma renda immensa de alvenaria, sustentada interiormente por um tecido de varões de ferro.

Ao entrar-se no templo, não é facil, nem mesmo possível formar uma idéa da sua extensão total, porque o fundo do côro, voltado para a entrada da basilica, encobre uma metade ao menos do seu tamanho real. Mas o circuito que fiz em torno das suas naves me dissipou bem depressa a illusão da sua pequenez aparente.

FOLHETIM DO APOSTOLO

O CURA DE ALDEIA

POR

D. HENRIQUE PEREZ ESCRICH

VOLUME PRIMEIRO

CAPITULO XXXII.

COSTUMES DE ALDEIA

Chega a noite de S. João; o sino da ermida anuncia com a sua lingua de bronze os esponsaes dos jovens prometidos. Os manobros, capitaneados pelo noivo, cantam no compasso do seu instrumentado sentidas e embebedoras coplas junto da casa da futura esposa, semeiam a rua de myrtillos, rosmarinho e outras plantas odoríferas, colheam ramos de flores e rusticas cordas de perpetuas na parede da casa, e retiram-se a esperar a aurora, cujo primeiro sorriso deve cahir sobre a cabeça dos jovens esposos.

O cura é o primeiro convidado no jantar de boda; leva sempre preparado algum discurso com sabor a sermão, allusivo ás circumstancias, discurso que ao terminar o jantar e depois de dar graças a Deus é pronunciado no meio do um silencio sepulchral, ficando gravadas na memoria e no coração dos recém-casados as suas religiosas maximas.

Depois vem as festas. Depois... a lua do mel com o seu cêo cor de rosa, o seu ambiente perfumado e as suas horas de embriagadora felicidade. Depois o fructo de benção, esse cair de aguçona que une cada vez mais o coração dos esposos, porque os filhos são a felicidade dos ossados. O sorriso dos filhos é a seiva que nos reanima, quando por algum rude revaz da fortuna começa a desfallecer

o nosso espirito. As suas caricias unem mais fortemente o laço matrimonial, e o amor dos esposos é doce e tranqüillo como o somno de seu filho.

O amor paternal supera todas as paixões da humanidade. Deus concedeu-o ao homem como o balsamo universal dos seus males. Por isso aos pobres, a quem Deus concede uma predilecção sem limites, outorga-lhes como o melhor dos seus dons a fecundidade. Porque... que seria dos jornalheiros se não tivessem filhos?... Ai delles! Quando o frio das cãs enerva a força do seu braço; quando acaçados de doença ou carregados de annos lhes faltam as forças para levantar a pesada ferramenta... então só lhes restaria a miseria, a fome... e depois o hospital... Por isso Deus, que tudo previo, em recompensa da sua vida de incessante trabalho, envia-lhes os filhos, que pobres como seus pais, mas como elles robustos e nascidos para o trabalho, labutam na sua juventude para sustentar os pais na sua velhice.

Agora, pois, que explicamos aos nossos leitores a epigraphe do capitulo XXXII; agora que sabem para que queria o cura as meias vermelhas; agora que comprehendem a mortal pallidez do infeliz sacrificado quando pertio a cumprir as ordens de seu protector, ordens que despedaçavam uma por uma as mais sensiveis fibras do seu enamorado coração, pedimos-lhe que tenha a bondade de seguir-nos á praça da aldeia, onde um grupo de aldeões com o seu traje domingueiro, pois achamo-nos no dia 24 de Junho, anniversario natalicio do Sr. cura, se acentuavam ao redor de um militar, que com o natural desembaraço daquelles que tem corrido mundo e nasceu no formoso solo da Andaluzia tem-nos a todos, com a sua comica conversação, em continua hilaridade.

CAPITULO XXXIII

HISTORIA DA VIDA E MORTE DE NAPOLEÃO I, CONTADA POR UM SARGENTO

— Ouça ed, Sr. sargento, julga que eu chegaria a fazer fortuna na guerra? — perguntava-lhe um moçoito que, com as mãos metidas no cinto de couro, o olhar estapeado, e as faces impudicas de saúde, estava no meio de um ajuntamento, fallando com Robreno. — Consoante... Vejamos se tens todos os requ-

sitos que exigem os regulamentos para o serviço—responden-lhe o militar, fazendo um movimento com todo o corpo e afastando o dedo pollegar as correias, que em fórma de cruz, lhe opprimiam o peito.—E's christão?

— Sim, senhor. — Gostas de vinho? — Muito. — Tens bom estomago? — Pelo que toca a isso, que o digam os presentes. Ainda que coma uma vitella recém-nascida e duas dúzias de ovos ficos como se nada tivesse engolido...

— Valente bruto é o teu estomago, amigo recruta! — Pois olhe nunca reperei nisso; mas basta que o senhor o diga. — Continuemos a indagar—interrompeu com gravidade comica o sargento, fazendo girar nas suas orbitas os olhos como se quizesse impôr silencio ás gargalhadas dos ouvintes.—E's filho legitimo?

— Eu lhe digo... sou filho de meu pai e de minha mãe. — Basta... Então tens todas as condições que rouia Napoleão.

— Napoleão... esse não era ed da aldeia... O sargento olhou com profundo desleio para o imbecil, que não conhecia nem de nome o capitão do seculo; mas lembrando-se da obra de misericórdia: « ensinar os ignorantes; » fez uma visagem, e, pegando na barba do ignorante recruta e puxando-o a si, disse-lhe:

— Pois não sabes quem era Napoleão? — Não, senhor... nunca o vi mais gordo. — Pois eu 'to direi! Napoleão era um homem pequenuto, mas com um peito maior que o armario onde guardam a roupa os conegos da cathedra de Sevilha, porque era homem que tinha a alma no seu armario.

Os aldeões saltaram uma exclamação de surpresa, e para não perder nem uma palavra da historia de Napoleão, que ia contar-lhes o sargento, aproximaram-se do narrador.

— Napoleão nasceu pobre, e como o homem pobre é empreendedor, começou a pensar no caminho que havia de seguir para melhorar de posição. O rapaz tinha um genio mais vivo que a pol-

vora de oito grãos; de modo que ainda que se deitava na sua cama, não podia pregar olho, porque sempre estava d'elhe que d'aras, procurando por todos os cantos da cachimonia o modo de sahir de tão deploravel situação; quando um dia, dando uma palmada na testa, exclamou cheio de orgulho e satisfação: « Assentemos praça. » E dito e feito; no dia seguinte era soldado raso n'um regimento francez, porque Napoleão era francez. (\*)

— Pois, senhores, andando o tempo, eis que uma tarde arma-se uma questão no quartel sobre se tinham ou não supprindo o chourico no rancho, e o nosso homem, que estava com o olho alerta esperando a occasião, agarrou-se pelos cabellos, e puxando pela surruncha, zaz... três... restabeleceu a ordem apalpando as costas a meia dúzia de alvoroçadores; e por tão benemerita acção, pallizeram-no segundo sargento. »

Robreno fez uma pausa como para observar o bom effeito que produzira a sua narração: e ao ver tantas bocas abertas, tantos ouvidos ansiosos e tantos olhos fitos nos seus, ficou muito satisfeito de si proprio e continuou desta modo:

— E' sabido, senhores, que as mulheres, exceptuando as presentes, são uns bichos muito mal intencionados, que com a mesma indifferença nos dão um rebucado que um pontapé, que nos faz andar mais direitos que um fuso. Pois bem; um dia que o senhor Napoleão ia com quatro soldados buscar batatas, ergueu os olhos, e vio n'uma janella uma dama mais formosa que um dobrão e mais branca que a flor de farinha. Como a carne é fraca, e o senhor Napoleão era de carne e ossos, quer dizer que... enfim, resumindo, tres dias depois o senhor Napoleão era o noivo da tal dama, e a dama a noiva do senhor Napoleão. Como o pret de um segundo sargento é tão pequeno, que se o pões na palma da mão não o distinguos um palmo adiante do nariz, está claro que o senhor Napoleão não podia brincar nos dias de festa a sua amada; e co'no ella era uma mulher de muitas orçãs, passava mais trabalhos que Praxites e Segismunda e o pobre rapaz tinha o coração traspassado com um esparto. Mas a sorte é mais

(\*) Tenha-se em consideração que não é o autor quem conta a historia de Napoleão, mas o sargento Robreno.

volúvel que o vôo das andorinhas e que os ventos do Março, a uma manhã, que se levantou de bom humor, den-lhe na cabeça fazer uma caricia ao segundo sargento, e este foi promovido, sem saber como, a primeiro sargento.

Três semanas depois, os habitantes da Priz de Franca corriam por aquellas ruas de Deus gritando como uns condemnados: « Viva isto! morra aquillo! » E o chefe superior mandou alguns batalhões para que restabelecem a ordem publica. Nesse dia disse para si o senhor Napoleão: « hoje feço negocio, » e dito e feito; começou a darreda baionetada que cantava o credo. A' noite o seu coronel deu-lhe os agradecimentos pelo seu procedimento, e tres dias depois estava alferes. Assim estavam as cousas, quando a Franca declarou guerra a um paiz onde dizem que se criam uns cães grandes e pelludos, que nadam melhor que tubarões, e o nosso homem foi lá com o seu regimento; mas como a sorte é o mesmo que os bezouros, que quando a gente está mais descuidada é quando lhe vêm apalpar o nariz com os seus enladrados ferrões, succedeu que o exercito expedicionario, encontrando na sua passagem uma montanha muito alta e muito cheia de neve, onde dizem que vivem uns frades muito hospitaleiros, todo o mundo começou a deliberar por onde a passariam. O caso era grave e tinha pellos, e o senhor Napoleão lembrou-se de que o mais logico era passar por cima do obstaculo, que é o mesmo que dizer por cima da montanha. — E como? perguntaram com assombro. — Passo a passo— respondeu-lhes Napoleão. — Impossivel. — Pois segui-me e vereis, porque eu sou capaz de andar por cima dessas fragas n'um pé só, como as gallinhas. — Póde. — Não póde. — Experimentemos. — E o resultado foi que passaram, e o senhor Napoleão cobrio-se de gloria.

Mandem-me cavallaria sem cavallos e como-os vivos. Mandem-me artilheiros sem artilheria e artilheiros sem canhões. Mandem-me soldados sem soldados e soldados sem canhões. Mandem-me cavalheiros, os cavalheiros não têm canhões e estão descalços; pois bem, naquella cidade que se vê ao longe na doze mil locandeiros e vinte mil sapateiros.

(Continúa)



Mal basta uma hora para percorrer-lhe as numerosas capellas lateraes. Como são espaciaes, e graves, como são formosas e pias! Que thesouros de escultura não encerram, que me é tão impossível descrever, como me foi impossível fixal-os. Quanto cedro a que o brilho deu forma, e a que o pincel deu vida, sentimento e inspiração! Quantos grupos de marmore que nos fazem assistir ás mais tocantes passagens da vida do Salvador! Quantos retabulos de ebano, e quantos fundos de altar onde se gastou, e se immortalizou o escopro que os consagrou ao culto christão!

E pensava entre mim que cada uma destas capellas seria por si só uma igreja magnifica lá nesses serões do Ceará (1), onde uma mesquinha barraca substitue por vezes o templo do Senhor!

Aqui, na velha Burgos, só alguns devotos invariaveis, e encailhados para o mundo, aquecem a laje fria do pavimento e fazem murmurar a abobada sagrada com os derradeiros gemidos da fé hespanhola, lá o dia de Deus a veria sempre cheia a transbordar, e o nome prestigioso de missão despovoaria a roça, para povoar o sanctuario. Na sua fé ardente e em primeira mão, uma raça de indigenas viria fazer ecoar o recinto do templo com singelos e pios canticos, e fetir confusa seus peitos através de seus cobre-peitos (2) de couro.

De todas as capellas da cathedral a mais notavel é a chamada — do *Condestavel*. Esta capella é toda de marmore. Ha uma especie de cicerone exclusivamente encarregado de a fazer ver aos estrangeiros, e que me recitava a sua lição de cor com uma segurança imperterbavel, e um certo tom dogmatico que impunha a creença, e que só obtinha ás vezes... o sorriso dos visitantes. Felizmente, tudo quanto em geral nos explicava, só se referia a assumptos historicos e locais de importancia secundaria.

No centro da dita capella, perto do altar estão os sarcophagos do condestavel D. Pedro e sua esposa, fundadores da cathedral. São de marmore de Carrara e de extremada perfeição. Nas faces do mausoleo vêm-se varios relevos relativos a assumptos biblicos, de uma notavel delicadeza. O fundo do altar é do mesmo modo todo biblico: e sem contradicção uma obra de exame.

A sacristia desta capella contém verdadeiras preciosidades. Citei, em primeira linha a custodia engastada de amethystes, esmeraldas e rubis, o calix de ouro do mais distincto gosto gothico, e um rico relicario; apoloias, que não morrem, da pericia artistica dessas éras preteritas tão injustas e boçalmente depreciadas. Vi casulas de fio de ouro, e de excelente velludo adamascado que datam do seculo XVI, e outros muitos objectos dignos de menção que me dispensarei de trazer a lume neste momento.

O sacristão abrio por fim uma especie de armario, e eu tinha diante de mim a magnifica Magdalena de Leonardo de Vinci. Foi uma entrega, mas daquellas que se desejam e aprazem, se não se esperam.

Uma commoção forte e subita se apoderou de mim, como todas as vezes que o homem se acha de repente em presença do sublime. Impressões destas que não se explicam, nem se provocam, nem se podem evitar, são a pedra de toque do genio. Sem saber a principio qual era o autor daquelle quadro immorttal, presentei que devia ser necessariamente a obra de um grande artista. Senti meu coração afinado pela corda do enlevo. Uni-me à concepção do artista, e quasi que diria, á deliciosa contemplação de Magdalena. Estava mais que satisfeito, estava aterrado por aquella visão repentina de uma tão esplendida execução esthetica. Gioberti diz que « o bello de-leita, mas que o sublime arrebatá e aterra. »

Vinci não deu á Magdalena outro vestido mais que o vestido legendario da penitente, o véo dos seus longos e formosos cabellos que lhe cahem das espaldas até aos pés. Suas mãos pousam ou antes comprimem o peito, como para reter a chamma da vida que parece escapar-lhe como a chama do divino amor. Aquelle rosto exprime toda a serena jubilação de uma alma identificada com Deus; aquelle olhar ora, aquelle olhar illuminado contempla o mundo dos anjos, e annuncia um pranto... sem dor, prestes a escorregar pelas faces: aquelle seio mal velado pela tunica dos seus anelados cabellos, palpita realmente sob a acção da divina caridade que o levanta; aquella carne tem toda a elasticidade da vida, e aquelles olhos tão bellos, fixos no invisivel, forçam-nos a não parar nelles, mas a subir com elles até á fonte eterna da suprema belleza.

Mas o zimbório da cathedral foi de tudo quanto observei, o que mais fixou a minha attenção.

Nada vi até hoje, nem mesmo em Westminster, quicá o primeiro templo gothico do mundo, que possa igualar-se ao zimbório de Burgos, cupola enorme, onde nem por dentro nem por fóra se encontra uma só pedra que tivesse sido deixada a si mesma; que não recebesse o cunho do genio esculptural; que não possuia a sedução dos grandes primores d'arte. Esta cupola não tem menos, julgo eu, de uns 30 metros de diametro por uns 25 me-

tros de altura. É ella o unico ponto por onde a luz penetra francamente no recinto da cathedral, mas esta luz, habilmente moderada e equilibrada, casa-se perfeitamente com a mystica penumbra do templo; deliciosa synthese de claridade e de sombra toda peculiar aos templos gothicos, tão inspiradora do recolhimento e da oração, tão azada para symbolisar o caracter da nossa fé, admiravel união de luz e obscuridade.

O olhar contempla por largo tempo aquelle zimbório, e duvida se a pedra pôde prestar-se a um semelhante esforço, se a solidez do marmore pôde ser vencida até este ponto pelo capricho do buril, e submeter-se ás graciosas delicadezas de um trabalho de renda.

São columnas, e arcos, e agulhas, e rosetas, e ramagens, e baixos-relevos, e flôres, e heras, e cavados, e filetes, e nuvens, e anjos... e luz; e é uma cupola, um só objecto, e não poderieis tirar-lhe uma só das peças que o compõem sem prejudicar á unidade do todo.

Como descrever sem genio o que só o genio soube executar? O autor desta obra de exame devia ser por força impregnado do sentimento christão para fazer assim sorrir o marmore, para dar á pedra o viço de uma flôr, e para collocar a 60 metros da terra um arrabalde do céo.

Por demais me demorava eu na cathedral. O bronze da torre souu umas pesadas 8 horas que contei com alguma impaciencia. Uma hora depois devia partir o caminho de ferro para Madrid. Eram horas de tomar uma pequena refeição, e metter-me no omnibus que conduz á estação.

Sabi a custo deste monumento onde a piedade me entrava insensivelmente por todos os poros, onde me parecia respirar a pura atmosfera da idade média.

Não esquecerei jámais este soberbo templo da catholica Iberia, grave como a nossa fé, elevado como a nossa esperanza, bello como a caridade divina. Devo-lhe uma hora de presença com Deus, no meio de tantas sem valor.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Ministerio do Imperio

EXTRACTO DO RELATORIO APRESENTADO A ASSEMBLEIA GERAL LEGISLATIVA NA PRIMEIRA SESSÃO DA DECIMA SEXTA LEGISLATURA PELO MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO DOS NEGOCIOS DO IMPERIO CONSELHEIRO DR. JOSÉ BENTO DA CUNHA E FIGUEIREDO

Negocios ecclesiasticos

O meu illustre antecessor, em seu relatório apresentado á assembleia geral na 4ª sessão da 15ª legislatura, deu conhecimento não só da direcção que havia tomado o conflicto, proveniente dos interdictos lançados pelos Revs. bispos de Olinda e Grão Pará sobre algumas irmandades, mas também dos processos e prisões, que delles se originaram, em detrimento da paz e harmonia que sempre foram mantidas e convém manter entre a Igreja e o Estado.

O gabinete actual, entendendo que no estado incandescente da questão denominada religiosa, convinha obviar certos effeitos, não hesitou em propôr mui reverentemente ao poder moderador uma amnistia geral a favor dos individuos que haviam sido implicados naquella emergencia.

A munificencia imperial não faltou ao reclamo do gabinete, e a amnistia foi com effeito outorgada por decreto n. 5,993 de 17 de Setembro de 1875, e recebida com geral satisfação em todos os angulos do Imperio. Seguindo-se logo por parte da Santa Sé, o levantamento dos interdictos, tornou-se regular a marcha dos negocios ecclesiasticos nos dous bispados de Pernambuco e Pará, graças ao favor da Divina Providencia e ao bom senso do povo brasileiro.

Comtudo não vos dissimularei que o movimento da crise por que passamos deixou bem patente a necessidade de rever-se a legislação actual sobre a materia e a forma do recurso á corôa, de modo que possam ficar bem determinadas e acuteladas as prerogativas magestáticas de ambos os poderes temporal e espiritual; meio seguro de se evitarem no presente e no futuro reciprocas incursões e de tornarem-se cada vez mais respeitadas e consorciadas os verdadeiros interesses da religião e do Estado.

Como não ignorais, tinha havido algum atraso no provimento collado das igrejas vagas em diversos bispados, á excepção do de Marianna.

O governo julgou necessario chamar a attenção dos prelados para este assumpto, recommendando-lhes que puzessem as igrejas vagas a concurso, como se vê do aviso de 31 de Janeiro de 1876.

Os Revs. bispos, respondendo de um modo satisfactorio, não se negam a cumprir e vão effectivamente cumprindo esse importante dever.

Monsenhor Roncetti, arcebispo de Selencia, foi nomeado por Sua Santidade para substituir monsenhor Sanguini no cargo de internuncio apostolico e enviado extraordinario, tendo-se retirado para desempenhar nova missão em Costa Rica monsenhor Bruschetti, bispo de Abydos, que com bastante felicidade exercia as funções de encarregado dos negocios da Santa Sé nesta côrte.

Vagaram a Sé metropolitana, e posteriormente as dioceses do Maranhão, Mato Grosso e Marianna.

Para occorrer á viuvez dessas igrejas, o governo imperial transferio para o arcebispo da Bahia o Rev. bispo de Goyaz, e para esta apresentou o Rev. Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides, e para a de Marianna o conego João Hygino Bittencourt, que por motivo de molestia não pôde aceitar o onus.

Entendendo o governo que consultava bem os interesses do Estado e da Igreja, resolveu variar a nomeação do Rev. Benevides para a diocese de Marianna, e apresentar o Rev. vigario geral da diocese da Diamantina padre Julio Augusto de Almeida para a de Goyaz, o vigario capitular da Bahia Rev. Carlos Luiz d'Amour para a de Cuyabá, e para o do Maranhão o conego Antonio Candido de Alvarenga.

Os Revs. bispos de Olinda e do Pará fizeram-me sentir a necessidade da divisão de suas dioceses, alegando a difficuldade de visital-as, attenta a grande extensão do territorio que ellas abrangem, e a conveniencia de prover de remedio espiritual aos diocesanos mais longinquos.

Considerada a necessidade de haver em cada diocese um corpo capitular, e os seminarios, que na forma do sagrado concilio tridentino lhes devem ser annexos, além de templos decentes para cathedraes, releva também não occultar a difficuldade da criação de novos bispados, ao menos emquanto as circumstancias financeiras do paiz não forem mais prosperas, e mais favoraveis as condições decadentes do nosso clero, sendo mui digno de reparo e de meditação o minguido numero de seminaristas que possam ascender ao sacerdocio: triste fatalidade que obriga os prelados a recorrerem aos sacerdotes estrangeiros para serem empregados no officio de cura d'almas.

Talvez que a reclamação dos Revs. bispos pudesse ser attendida pela criação de prelaturas nas regiões mais remotas dos bispados alludidos, solicitando-se para isso da Santa Sé as precisas facultades. Com esta medida, e menos dispendiosas, ficariam remedias as necessidades espirituas, até que melhor se possa fazer mediante o augmento da população e dos recursos naturaes dessas localidades. Se for cabivel o que tenho a honra de expôr-vos, resolvereis como entenderdes melhor em vossa sabedoria.

Comparada a grande affluencia das pessoas que se dedicam aos diversos misteres sociaes, com a limitada concurrencia das que se destinam á vida clerical, nota-se evidente desequilibrio que justifica a necessidade de proporcionar a esta os meios de animação de que necessita para coadjuvar vantajosamente a acção benéfica de um progresso social bem entendido e proveitoso. Tenho esperanza de que o curso theologico, que fizer parte de uma universidade regularmente constituída, chamará adeptos, e o nosso clero se erguerá da especie de abatimento em que ora se acha. Sentem-se, de um modo inquietador, as difficuldades de encontrar operarios para os altos cargos da hierarchia ecclesiastica.

O Rev. bispo de Olinda vai instalar um pequeno seminario, onde se preparem os alumnos, que se têm de matricular no curso theologico, que aliás será interrompido por algum tempo, em consequencia de não haver quem o frequente. Pede aquelle prelado que o subsidio prestado pelo governo ao seminario theologico seja applicado ao pequeno seminario, que terá de lutar com grandes difficuldades no começo de sua fundação.

Tambem o Rev. bispo do Pará, solicitando o augmento de 8:000:000 na subvenção dada ao grande seminario da sua diocese, que se acha em apuros, acrescenta que, a não poder effectuar-se tal augmento, seja applicada ao referido seminario a quota marcada para o pequeno seminario de Manãos, cujos alumnos, que são mui raros, poderão receber com mais proveito a necessaria educação nos seminarios do Pará. Achando razoaveis estas solicitações, submetto-as ao vosso esclarecido criterio.

(Continúa.)

SECÇÃO LITTERARIA

Hymno

EXPRESSAMENTE COMPOSTO PARA SER CANTADO NO ANIVERSARIO DA INSTALLAÇÃO DA CASA DE CARIDADE DO SOBRAL, NO CEARÁ, PELAS ORPHãs RECOLHIDAS DA MESMA CASA.

Deus, que a procella faz surgir do abyssos,  
Deus, que bateja na campina a flôr,  
Na frente casta de vossa alma imprima  
Um doce beijo de celeste amor!

Estrópho:

Deus vos pague tamanha bondade!  
Nossas preces escute o SENHOR,  
Que uma lei nos impoz:—caridade,  
Que é vida, que é paz, que é amor!

Erguem-se, ás vezes, labaredas rubras  
Que matam lyrios de innocente alvôr...  
Jámais succumbe a caridade, amigos!  
Que é o lyrio d'alma, que se chama—amor!

Deus vos pague tamanha bondade!  
Nossas preces escute o SENHOR,  
Que uma lei nos impoz:—caridade,  
Que é vida, que é paz, que é amor!

Dentre os androjos da miseria triste,  
Dentre os sudarios de pungente dor,  
Rebenta a luz da caridade santa,  
Solta uma estrella, que se chama amor!

Deus vos pague tamanha bondade!  
Nossas preces escute o SENHOR,  
Que uma lei nos impoz:—caridade,  
Que é vida, que é paz, que é amor!

Nos, pobres orphãos, que não temos ouro,  
— Folhas sem viço de uma ineulta flôr,—  
Por vós mandamos ao ETERNO preces  
Nas azas brancas do LEVI santo amor.

Deus vos pague tamanha bondade!  
Nossas preces escute o SENHOR,  
Que uma lei nos impoz:—caridade,  
Que é vida, que é paz, que é amor!

Para dizer-vos:— « Obrigado, amigos! »—  
Os nossos labios se transformem em flôr,  
De cada peito— salte um hymno d'alma,  
De cada alma— a explosão do amor!

Deus vos pague tamanha bondade!  
Nossas preces escute o SENHOR,  
Que uma lei nos impoz:—caridade,  
Que é vida, que é paz, que é amor!

Carta

DO EXM. SR. CONDE DE SAMODÁES AO SR. MESQUITA PIMENTEL A RESPEITO DA SUA TRADUÇÃO DA OBRA DO REVM. PADRE SCHOUPPE: « CURSO ABREVIADO DE RELIGIÃO. »

Muito prezado amigo.—Teve V. a bondade de communicar-me o seu projecto de dar á luz da publicidade a traducção, em que labora, da obra do padre F. X. Schouppe da Companhia de Jesus, intitulada—Cours Abrégé de Religion ou Vérité et Beauté de la Religion Chrétienne, manuel approprié aux établissements d'instruction—: e conjunctamente interrogou-me sobre o juizo que eu fazia desta obra e da utilidade que, resultaria de sua versão em linguagem para a educação da mocidade.

Vou responder succintamente a estas perguntas, satisfazendo aos desejos que me são manifestados, sem pretender attribuir a minha resposta qualquer caracter de autoridade superior ao da minha humilde opinião, incompetente em assumptos desta gravidade.

Logo que no anno proximo passado appareceu publicado o livro do padre Schouppe, dei-me pressa em percorrel-o, atheadido pelo nome do autor, da Companhia illustre a que pertence e da mesma obra.

Satisfeiz-me plenamente a sua leitura, já pelo valor das materias que o livro trata, já pela concisão das demonstrações, pelo seu rigor logico e pela comprehensão de muito boa doutrina em breves discursos.

Ha muito que é minha convicção que entre as altas e eminentes qualidades que exornam a Companhia de Jesus, a missão docente é por ella exercida por modo que não pôde ser excedido. Creado este instituto para ser o alvo de todas as contradicções, o escandalo de muitos, o pesadello real ou fingido de alguns, os jesuitas tiveram em sorte na partilha dos trabalhos humanos a perseguição, a calumnia, o soffrimento e o martyrio, com as injustiças da sociedade, a quem elles prestam os serviços mais desinteressados, e entre estes, como principal e mais espinhoso, o ensino da mocidade.

Habeis em todas as provincias do saber humano, até naquellas em que se lhes podia, sem injuria, attribuir inferioridade relativa, como são as sciencias dependentes da analyse e da observação, os jesuitas na primeira de todas as sciencias; naquella que mais interessa ao homem na sua passagem nesta vida e para o seu fim ulterior, a sciencia da Religião, são incomparaveis; e quer em obras que exigem longos annos para compôr-se e limar-se, quer nas compendiosas e elementares, apresentam sempre trabalhos de valor.

É a esta ultima classe pertinente o *Curso abreviado de Religião*, que publicára ha um anno o padre Shouppe, cuja segunda edição tenho presente a lançar ao papel estas linhas.

Na direcção do ensino da juventude ha gradações, que se torna mister seguir afim de obter-se um resultado util, já para formar o homem, já para preparar o sabio. Nos primeiros annos, quando a reflexão está ainda em começo e prepondera a memoria, o ensino deve restringir-se aos factos, ás palavras, ás definições singelas, sem apparato demonstrativo, sem sobrecarregar o espirito com provas mal apreciadas e citações incomprehensíveis. É para este periodo da educação que são applicaveis as taboadas, grammaticas elementares, os resumos historicos, e os catechismos. Faltamos destes em especial, já que nos occupamos, pela natureza da obra que estou vendo, da educação religiosa.

O catechismo é uma série de perguntas e respostas, que serve maravilhosamente para o conhecimento rudimentar do mais importante dos estudos, o religioso. No catechismo tudo são affirmações, tudo é imperativo, tudo são principios. Não se discute, não se divaga, não se objecta. Ahi não se faz a apologia do que se aprende, preceitua-se o que importa á fé e á moral. O legislador ordenou, e o subdito fica sabendo o que deve crêr e o que lhe cumpre obrar. E em verdade é isso quanto constitue a essencia do ensino religioso.

A creança, todavia, aos sete annos com o seu catechismo é um sabio superior aos mais celebres philosophos da antiguidade e aos vaidosos discursadores modernos.

Aquelles, privados da razão clara do sol da verdade, divagavam nas trévas, e guiados apenas pelo debil brilho da sua razão, com difficuldade percebiam a duvidosa alvorada dessa verdade por entre as brumas espessas do erro. Lutaram elles, e não sem vantagem por vezes, para o descobrimento dos grandes principios; porém, entregues asi, a cada passo encontravam obstaculos que não podiam superar.

Os modernos innovadores, fartos de verdade, encontrando-a em torrentes nos mananciaes que a encerram, pensando que é indigno da sua prosapia ir rebel-a nas fontes onde as creanças, os rudes e os ignorantes a acham em tanta abundancia, quanta desejarem, afastam-se dellas e vão, sem desculpa, emmanranhar-se nos desvios, de onde os seus predecessores nunca puderam desembaraçar-se.

Julgam elles que hão de conseguir o que os espiritos mais peregrinos não lograram, e uns após outros, de queda em queda, nos offerecem o lamentavel espectáculo dos desastros a que inevitavelmente conduz o orgulho humano; que desde o primeiro momento do apparecimento do homem sobre o globo não cessou de ser a causa unica de todas as suas misérias.

Não é pela mão dos primeiros e dos segundos mestres, que uma educação prestavel pôde ser encaminhada. O estudo das grandes verdades, a resolução definitiva dos maximos problemas, não pôde entregar-se áquelles que nunca conseguiram aventurar senão hypotheses, que, triumphantes em um momento; cahem, no instante immediato. É mister que o homem, desde a sua entrada na vida, seja encaminhado por principios incontravosos, por affirmações exclusivas de objecções, por um código que seja compendioso, claro e preceptivo. Eis o catechismo, resumo do que de mais importante convém que o homem saiba, qualquer que seja a situação, em que se veja collocado, quer pelo seu berço, quer pelos esforços do seu lidar.

Decorrem, porém, os annos; a intelligencia desenvolve-se; desponta a ambição de saber, apparece a sede das demonstrações, manifesta-se a duvida; ouve-se o que se diz e começa-se a correr o risco de considerar menos incontestaveis as affirmações aprendidas na idade da innocencia.

É esta uma época critica, em que não sem facilidade se corre risco de perder as vantagens adquiridas, de sermos desviados por enganadoras miragens e deslumbados por uma sciencia superficial. A cada passo se ouve dizer o doutores imberbes que já não estão em idade de acreditar em contos de creança, que as creanças religiosas podem ser proficuas aos seres fracos, mas improprias de homens feitos, que os methodos positivistas são os unicos, que conduzem á verdadeira sciencia, e que a abdicção do direito de pensar, julgar e raciocinar é uma abjecção a que não deve submitter-se quem tem a consciencia dos fóros da sua razão; estando condemnado a passar por ella quem se submitte ao principio de autoridade, symbolisado na fé da Igreja.

Para que os mancebos se desvairem, corre não só a tendencia natural para a vaidade e para a soltura das paixões, mas principalmente a presumpção dos mestres e a desgraçada propensão, que tanto se observa, de introduzirem no ensino das disciplinas que professam alguns desses germens do scepticismo, do erro e da impiedade, que tão longe se propagam, tão formidaveis estragos causam e tantas quedas aceleram.

Obviar a estes deploraveis resultados da maldade humana, auxiliada no seu desenvolvimento por tantos meios poderosos, é um serviço valioso, prestado á sociedade, em geral, á patria em especial, e ás almas individualmente.

Convirá, porém, sujeitar o estudo da religião a um curso regular, com grande desenvolvimento e notavel proficiencia? Estudos desta ordem exigem trabalho aturado, numerosos elementos, grandes recursos e continuada applicação.

Se para prevenir os graves males que deixamos esboçados fosse mister um estudo completo da religião, raros, rarissimos o poderiam conseguir. Dest'arte retrogradariamos á época dos philosophos gregos, para os quaes a raridade da sciencia era um dos seus primeiros meritos. Reservar a verdade para poucos, faz-la adquirir á custa de enormes difficuldades, restringir o numero de adeptos, era um ideal da sciencia pagã, mas é o opposto do que se pretende na sciencia christã. Para aquelles que a aceitam em plena innocencia; sem prevenções nem vaidades, o catechismo basta; com este livrinho pôde-se dar instrucção a todos os homens, qualquer que seja a sua nacionalidade, linguagem, raça, posição e destino. Para aquelles que pretendam dar razão da sua fé, conhecer-lhe as provas fundamentaes, o seu quadro de desenvolvimento, e precaver-se contra as ciladas do falso ensino, dos falsos livros, dos falsos mestres e dos peçonhentos jornaes, é um livro compendioso, claro, concludente e muito completo, trabalho de toda a conveniencia. Para aquelles que possam ou queiram dedicar-se *ex-professo* a estes assumptos, que demandam longa preparação, variada lição, e recursos especiaes, sirvam os grandes tratadistas e em auxilio delles o inexgotavel arsenal do poderoso e efficaz armamento de que dispõe a Igreja.

O livro, cuja traducção em vulgar ora se publica, pertence á segunda classe. Não é um singelo catechismo, não é um tratado completo; é um compendio muito util do que é indispensavel saber-se e das razões em que se estriba a doutrina que se ensina.

Para este intento serve admiravelmente a obra do sabio Jesuita, dividida em tres partes,

(1) O autor esteve algum tempo em missão, nesta provincia do Brazil.

(2) Especies de couraça de couro, de que usam no Ceará os camponeses ou matutos, especialmente os vaqueiros.



em que as materias se succedem em ordem rigorosamente logica.

A primeira cousa que o autor tem em mira é preparar os leitores para sustentar a verdade da sua fé, e resistir aos ataques dos adversarios.

(Continúa.)

MISCELLANEA

Os reporters inglezes e os francezes.

(Traduzido para o Apostolo)

A livre Inglaterra, a velha Inglaterra, a patria do livre arbitrio, acaba de desfechar um golpe mortal sobre a liberdade.

O Imperador da Russia fez uma visita á rainha Victoria, sogra de sua filha; Sua Magestade britanica quiz nessa conjunctura que o seu av.gusto hospede não fosse estampado em vida, bem ou mal cabidamente.

E para conseguir este fim, a graciosa Magestade empregou um meio muito simples. Dr.cidiu que se enviase diariamente aos jornaes a circular da corte; que essa circular contivesse o que importa que o povo inglez saiba, e não mencionasse o que não é da sua conta.

Pedia-se aos jornaes que publicassem a circular diariamente, se assim lhes conviesse, mas que não accrescentassem nada a respeito do illustre visitante.

A imprensa ingleza, que preza muito a sua soberania, conformou-se da melhor boa vontade, a esse... desejo.

Até aqui nada ha para estranhar-se. Todos no Reino-Unido applaudiram a delicada attenção; e não houve uma só voz que censurasse o acto da rainha....

Mas, ah! não se pôde contentar a todos, e os reporters de além-Mancha não se mostraram contentes.

Em Paris, quando muito, ha dous ou tres reporters, isto é, duas ou tres pessoas verdadeiramente dotadas das muitas qualidades necessarias á uma profissão que exige muita intelligencia e actividade infatigavel.

Comprehende-se facilmente esta penuria. Todo aquelle que leva a um jornal inglez um facto diverso inedito, informações sobre um incidente, um assassinato, um rapto, um processo, uma excentricidade qualquer, ou pormenores sobre uma individualidade, em voga, e bem recebido, e sabe d'alli com alguns guineos na algibeira.

Em Paris, um desconhecido que levar a um jornal informações sobre este ou aquelle acontecimento do dia, será seguramente repellido e talvez que, em muitos casos, já alguns tenham sido mal recebidos e mal tratados.

Quanto ao diheiro, é inutil fallarmos nisso.

Deste modo o reportage fenece na nossa patria, o que, (aqui para nós), não é grande mal.

O leitor já está farto de ouvir fallar no crime da rua Coquillière, no facto da rua des Marmois. E' quasi sempre a mesma cousa, ainda quando essas historietas não occultam laços para o leitor.

Abre-se qualquer jornal; naturalmente procura-se nelle o artigo — a sensation; os olhos fitam-se nestas palavras impressas em caracteres grandes: O DRAMA DA RUA COPEAU.

Brrr! Isto faz arripiar as carnes! Pois bem, trata-se de dous trapeiros, que se mimosearam com algumas pauladas depois de beberem muito...

Ha dous annos, (pouco mais ou menos) os reporters depararam com uma esportiza que, infelizmente não pôde ser explorada todos os dias.

Cada primeira representação de opera nas Folies-Marigny, tem seus historiographos.

« O nosso espirituoso collega Tres estrelas vos fallará da peça; nós vamos tratar da sala, diremos reporters dramaticos.

Pergunto-vos o que vem fazer aqui a sala?

Meu Deus! enquanto nessas fantasias não se trata senão do espirito mais ou menos desenvolvido nos bastidores, bem; mas é-me agradável constatar que em quatro jornaes parizienses (não digo de Paris), pessoas de verdadeiro merito e de espirito extremamente fino executam esses pequenos tours de force, com grande satisfação do leitor.

Mas porque razão esses espiritos finos e brilhantes obtinam-se em declinar os nomes das pessoas presentes?

Em primeiro lugar, elles não têm o direito de fazel-o. E demais, é raro que não façam um méli mélo que desagrada a muita gente.

Quando se lê que o Sr. Emilio Augier e o Sr. Barbonchon eram vizinhos nas cadeiras, Barbonchon fica contente, mas Augier, não, e com razão.

Muitas vezes os chronistas, que se vêm em talas, citam algumas burquezas que alli se achavam por acaso, as quaes vendo-se impressas vivas em um jornal, não sabem se devem corar de despeito ou de prazer.

Mas tudo isto não é nada, porque pouco

importa lisongear um tolo que não tem direito a despertar a attenção do publico. Não ha de ser essa innocente menção que o fará sahir do embryo em que vive,

Que importa tambem desgostar certa gente que, se uma vez, se enfada com o barulho que se faz em torno de si, a maior parte das vezes se lisongea com esse barulho?

Que importa misturar os toleirões com as pessoas de espirito; a gente alta com os alambazados, as mulheres honestas com as que o não são? Tudo isto pouco importa, cumpre reconhecer.

Mas vou assignalar uma particularidade desagradavel aos espirituosos mensageiros de que se trata.

E' raro não commetterem elles um erro innocente que parece ser uma materia, e que muita gente não pôde admitir.

Esse erro ei-lo:

« Em um camarote da frente, notavam-se o Sr. e a Sra. de R..., com um vestido cor de malva, e o barão X.... »

Ah! Esta phrase traçada innocentemente, repito, é uma cousa horrivel, que faz rir todo Paris, e sorrir muitas mulheres que deviam calar-se, mas que não deixam de dizer:

« — Realmente a Sra. de R.... ostenta-se de mais! »

O que é que ganha a moral com estas parvoices? Nada; é muitas vezes o innocente que paga porque é delle que todos riem.

JULES NORIAC.

EXPEDIENTE DO BISPADO

LIDOS NA CAPELLA IMPERIAL NO DIA 8 DE ABRIL DE 1877

Proclamação

Dr. José de Castro Teixeira de Gouvêa com Rachel Velloso Lessa.

José de Oliveira com Virginia Izabel Soares.

Cezario Augusto Gonçalves Villela com Justina Mericia de Siqueira.

Manoel Francisco Gonçalves Sobrinho com Josephina Leopoldina de Souza.

João Bernardino Vidal com Guilhermina Virginia de Vargas.

João Pedro Fausto de Alcantara com Maria Augusta da Silva.

Guilherme da Costa Couto com Eulalia Maria Rodrigues.

José Maria Peixoto de Souza com Maria Izabel de Freitas.

José Carlos Pereira de Oliveira com Augusta Gonçalves Villarinho.

Francisco Palamo com Maria Mouthone.

Manoel Lopes Afonso com Barbara Josepha.

José Ignacio de Oliveira com Andreza Rosa de Jesus.

Aureliano Antonio de Góes com Rosa Maria da Conceição.

José Cancio da Fonseca Costa com Henriqueta Carolina de Almeida.

José Martins Toledo de Amorim com Eulalia Raphaela.

João Guilherme de Almeida Reis com Theziza Augusta Carreiro.

Pedro Antonio dos Reis com Maria da Silva.

João dos Santos Carramona com Roza Theziza Pinheiro.

João Antonio de Azevedo com Julia Ermelinda de Seixas.

Victor Mailar com Gabriela Alcida Pacheco.

Manoel Augusto Alves Branco com Geneveva Maria de Magalhães.

João Baptista dos Santos com Delfina Maria Cotrim.

Manoel Rodrigues Carneiro Junior com Maria de Jesus Faria.

Boaventura Gonçalves de Carvalho com Elvira Gabriela Bertolaja.

Luiz Francisco da Silva com Adelaide Ribeiro da Conceição.

Manoel Joaquim Tavano com Ignez Floriania dos Santos.

Provimientos

De 19 a 28 de Março, passaram-se os seguintes:

Ao Rev. padre Francisco Joaquim Alvares Soares, cidadão brasileiro, para continuar por mais um anno, na occupação de vigario encommendado na freguezia de Santo Antonio da Vargem Grande, deste bispado.

Ao Rev. padre João Alves Guedes Pereira, natural de Portugal, para celebrar, confessar e pregar, neste bispado, por um anno.

Ao Rev. padre Bernardo Antonio Lima de Velasco, natural deste bispado, para celebrar e confessar, por um anno.

Ao Rev. padre Francisco de Assis Nunes Moreira, natural deste bispado, para continuar por mais um anno, na occupação de cura do Curato do Senhor Bom Jesus do Rio Pardo, deste bispado.

Ao Rev. padre Antonio Luiz Esteves, para continuar por mais um anno, na occupação de vigario da vara da comarca de Lages, na provincia de Santa Catharina, deste bispado.

Ao Rev. padre Antonio Alvares Teixeira, cidadão brasileiro, para celebrar e confessar, neste bispado, por um anno.

Ao Rev. padre José Corrêa Dias de Moura, natural deste bispado, para celebrar por tres mezes.

Ao Rev. padre Eugenio de Maffei, natural da Austria, na occupação de vigario encommendado da freguezia de S. Benedicto do Riacho, na provincia do Espirito Santo deste bispado, por tempo de um anno.

Ao Rev. padre João Casella, natural da França, na occupação de vigario encommendado da freguezia dos Santos Reis Magos ou Nova Almeida, na provincia do Espirito Santo, deste bispado.

Ao Rev. padre Durval Martins Bastos, natural deste bispado, para celebrar e confessar, por um anno.

Ao Rev. padre Ludgero Coelho das Neves, natural deste bispado, para pregar, confessar e celebrar, por tempo de um anno.

Ao Rev. padre Carlos José Leopoldo Boegerrhansen, cidadão brasileiro, para continuar por mais um anno na occupação de vigario

encommendado da freguezia de S. Francisco Xavier, na provincia de Santa Catharina.

Ao Rev. padre Miguel Joaquim de Araujo, natural de Pernambuco, para celebrar e confessar neste bispado, por um anno.

Ao Revm. conego Dr. Pedro Peixoto de Abreu e Lima, para defensor dos casamentos neste bispado.

Ao Rev. padre Aniceto Martins Bilbão, natural da Hespanha, para celebrar e confessar neste bispado, por um anno.

Ao Rev. padre João de Cunto, natural da Italia, para continuar por mais um anno na occupação de cura do curato de Nossa Senhora das Dóres de Monte Alegre, deste bispado.

Ao Revm. conego Dr. Luiz Ferreira Nobre Pelina, natural de Pernambuco, para continuar por mais um anno na occupação de vigario encommendado da freguezia de S. Salvador da cidade de Campos.

Ao Rev. padre João dos Santos Reis, natural deste bispado, idem, na freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Ribeira.

Ao Rev. padre Antonio Francisco da Nobrega, natural deste bispado, para continuar por mais um anno na occupação de vigario encommendado da freguezia de Nossa Senhora da Graça, e bem assim na de vigario da vara da comarca, tudo no rio de S. Francisco do Sul, na provincia de Santa Catharina, deste bispado.

Ao Rev. padre Luiz Alves dos Santos, natural deste bispado, para continuar por mais um anno na occupação de vigario encommendado da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, da cidade de Valença.

SECÇÃO NOTICIOSA

AOS NOSSOS ASSIGNANTES. — Aos nossos assignantes, que estão atrasados em seus pagamentos, pedimos a bondade de mandar satisfazer os seus debitos, senão no todo no menos em parte.

As quantias poderão ser remettidas pelo correio em carta registrada e com declaração do valor que contém.

Esperamos ser attendidos n'um pedido tão justo, pois, como é sabido, as assignaturas de APOSTOLO devem ser pagas adiantadamente.

Matriz de Santo Antonio. — O Terço de Nossa Senhora das Dóres continúa na capella annexa com a benção do Santissimo Sacramento.

O illustre Sr. bispo do Pará. — Por carta de Roma, datada de 15 de Março, sabemos que S. Ex. Revma. partirá para Jerusalem a fim de visitar os santos lugares, pretendendo então voltar para o Imperio em meados do corrente mez.

Obolo de S. Pedro. — Temos recebido: Vigario José Ribeiro Gonçalves 20%000 Antonio Monteiro Cesar Miné... 10%000 Um devoto e sua familia... 10%000 Padre Francisco Antonio Nunes 5%000

1:367%200

A morte de um tyranno. — São extrahidas de um jornal inglez as seguintes linhas: « O general Juan Manuel de Rosas, ex-dictador da Confederação Argentina, falleceu no dia 14 de Março, ás 7 horas, na sua fazenda de Swathling, cerca de tres milhas de Southampton. Rosas nascêra em 30 de Março de 1793, e contava, por conseguinte, 84 annos de idade. O finado, que residia em Southampton ou nos arredores, durante 25 annos, succumbio a uma inflamação dos pulmões, apesar dos esforços do Dr. John Wiblin, seu medico e amigo, desde que elle puzera os pés no sólo inglez.

« D. Manuela Rosa de Terrero, filha do famigerado dictador, chegará de Londres na vespera, e assistio aos últimos momentos do pai, de quem fôra fiel companheira no exilio. O marido de D. Manuela, D. Maximo Terrero, sahira de Southampton no dia 24 de Fevereiro, no vapor Minho, para ir a Buenos-Ayres recolher os bens de sua mulher e de seu sogro, excepto os que foram adquiridos pelo Estado. D. Manuela é a unica filha do general Rosas, e tem tambem dous filhos, um de 19 e outro de 21 annos, que estão na escola de minas, em Londres.

« O general Rosas morava na Inglaterra desde 1832, data da sua queda do poder: naquella época, o vencido do Brazil embarcára n'um vaso de guerra inglez, cujo commandante era o capitão Day, de Southampton, o que decido o general a estabelecer-se em Southampton. Ao chegar a esta cidade foi morar para uma vasta casa em Rockstore-place, Casiton-crescent, onde esteve varios annos, até que se retirou para a quinta, onde ora finou-se. Esta quinta era immensa, comprara elle ao finado M. John Fleming, e despendeu sommas quantias em adorna-la.

« Nos últimos annos soffria muito de uma arthritis, mas apesar da dolorosa enfermidade, montava sempre a cavallo, e o seu supremo prazer era percorrer as terras a cavallo dando ordens aos seus empregados. A nostalgia do poder!

« O seu amor do governo pessoal era tal que ninguem lhe podia dirigir a palavra senão com permissoo especial ou para responder ás suas perguntas. Pagava muito bem aos seus trabalhadores e intendentes mais do que os outros proprietarios rurais, porém só os contritava dia por dia.

« Cada homem recebia o seu salario quotidianamente, e só então se lhe dizia se devia ou não voltar no dia seguinte. Esta singularidade de Rosas era devida ao desejo que tinha de não andar ligado a ninguem por contrato; porém, geralmente, os empregados alli ficavam muitos annos. A noite elle mesmo examinava os trabalhos, no verão como no inverno, e as

horas de trabalho de cada um eram calculadas com o maior rigor e exactidão. Pagava bem, mas queria ver o resultado do trabalho.

« Por muitos annos, Rosas e lord Palmerston trocaram visitas e havia entre ambos uma correspondencia extensa e seguida. »

Calix de ouro. — Na typographia do Apostolo, na camara ecclesiastica e no seminario de S. José, recebem-se as esmolos dos devotos que quizerem contribuir para o calix de ouro que tem de ser offertado á Nossa Senhora de Lourdes, em desagravo as sacrilegas offensas que lhe foram dirigidas no carnaval deste anno.

Alguns factos notaveis occorridos em 1876. — Desabamento de uma escola em Berne; houve muitas mortes.

Por meio de uma revolução, foi destronado Abdul-Aziz, imperador da Turquia, e elevado ao throno Abdul-Murat V.

Pouco tempo depois foi deposto Murat V. e elevado ao throno Abdul-Hamid II.

Abateu o tunnel do caminho de ferro de Orense; houve muitas mortes.

Augusto Etherman, fallecido em França, deixou para construcção de um hospital em Strasbourg francos 160.000.000.

Em Nova-Orleans abateu a ponte do caminho de ferro de Jackson quando passava o comboio.

Em Ning-Kone-Fon, China, foi arrasado o templo dos christãos, havendo grande carnificina, e sendo incendiadas suas habitações.

Abateu na California o grande theatro da Opera, havendo muitas mortes e ferimentos. Descobrio-se na California uma mina de sabão vegetal.

Os catholicos de S. Francisco da California celebraram, com a assistencia de tres bispos, a festa do centenario da fundação da primeira missáo catholica em 8 de Outubro, terminando as festas pela benção e collocação da primeira pedra para uma nova igreja.

Lord Roberto Lytton foi nomeado virei da India.

Em Inglaterra construíram-se 617 navios, sendo 241 de ferro, 371 de madeira e 5 do systema mixto.

Relatorios. — Foi-nos offerecido o da Santa Casa de Caridade da cidade da Diamantina no anno compromissal de 1875 a 1876.

— Recebemos igualmente o da Imperial Associação Typographica Fluminense apresentado pelo conselho administrativo á assembleia geral.

Agradecemos as offertas.

Offerecimentos a Pio IX em 1876. — O Marquez lord Rippon, antigo chefe da franc-maçonomia ingleza, e ultimamente convertido ao catholicismo, offereceu a Pio IX 40.000 libras sterlingas (45 contos de réis) depois de lhe ouvir missa na sua capella particular.

O bispo de Arras mandou a Pio IX 49.800% offerecidos pelos seus diocesanos para o diheiro de S. Pedro.

O conde de Chambord mandou 4.800%000 a Pio IX.

Uma deputação de catholicos offereceu a Sua Santidade 18.000 francos (3:240%000) para o diheiro de S. Pedro.

D. Carlos e sua esposa mandaram a Pio IX um magnifico calix no valor de 2.500 duros (2:400%000.)

Uma senhora de Cadiz offereceu a Sua Santidade 18.000 duros (17:280%000).

Os peregrinos hespanhóes levaram a Pio IX muitas esmolos, e entre outras uma magnifica jarra de prata avaliada em 40.000 reales, e grandes sommas em onças de ouro.

As senhoras de Andaluzia foram portadoras de grandes esmolos, entregando uma a Sua Santidade 14.000 duros em ouro, 13:440% e outra uma grande barra de ouro excedente a 18.000 duros.

Mgr. Paulissier, arcebispo de Besançon, entregou a Pio IX 160.000 francos (28:800%000).

Nocedal, chefe de uma peregrinação hespanhola, levou a Sua Santidade 3.000 duros.

Sua Santidade Pio IX recebeu no dia 8 de Dezembro avultadas sommas.

A Unid Catholica enviou-lhe 20.500 francos.

O bispo, clero e fieis da diocese de Cork offereceram a Pio IX 700 libras sterlingas.

O bispo, clero e fieis da diocese de Derby (Irlanda) offereceram-lhe 343 libras sterlingas.

Monsenhor Stonor, e o capitão Teeling, secretario da Unid Catholica de Irlanda, offereceram a Pio IX, em nome dos catholicos irlandezes, uma cópia illuminada da bulla da Immaculada Conceição, que fôrma um grosso volume em folio, com capa de veludo carmezim, adornada de medalhões e pedras preciosas e com abraçadeiras de ouro guarnecidas de diamantes.

Os proprietarios do Observatore Catholico de Milão offereceram a Sua Santidade em 30 de Dezembro 14.000 libras sterlingas.

O cardeal Antonelli deixou a Sua Santidade um riquissimo crucifixo.

O duque de Galliera deixou a Pio IX um milhão de francos.

A proposito deste milhão (180.000%) deu-se um episodio mui digno de ser apreciado. O Santo Padre apenas o recebeu fez distribuição delle por as familias pobres, que costumava socorrer; e deu ordem ao thesoureiro para pagar a cada uma a esmola que lhe estava assignada. Este porém achou que o Pontifice se tinha enganado, e mandára dar 60.000 fran-

cos a mais; pelo que foi receber novas ordens do Papa; mas Sua Santidade mandou que se pagasse o que elle tinha marcado, e que se preenchesse o excesso dos dinheiros do seu bolcinho.

Ceará. — Apopulação desta provincia eleva-se a 721,686 habitantes, sendo: livres 689,773 e escravos 31,913.

Em relação aos sexos, são livres: 350,906 homens e 338,867 mulheres; escravos: 14,941 homens e 16,972 mulheres.

Em relação ao estado civil, são livres: 241,692 solteiros, 99,915 casados e 9,299 viuuvos; 224,509 solteiras, 99,849 casadas e 14,509 viuvas; escravos: 13,870 solteiros, 919 casados e 152 viuuvos; 15,797 solteiras, 979 casadas e 136 viuvas.

Em relação ás raças, são livres: 136,940 brancos, 172,814 pardos, 14,424 pretos e 26,701 caboclos; 131,896 brancas, 166,329 pardas, 14,510 pretas e 26,136 caboclas; escravos: 8,539 pardos e 6,402 pretos; 9,745 pardas e 7,257 pretas.

Em relação á religião, são livres: 350,808 catholicos e 38 acatholicos; 338,837 catholicos e 40 acatholicos; escravos: 14,941 catholicos e 16,972 catholicas.

Em relação á nacionalidade, são livres: 349,805 brasileiros e 1,101 estrangeiros; 338,475 brazileiras e 392 estrangeiras. Dos escravos são nascidos no Imperio 11,904 do sexo masculino e 16,910 do feminino. Não nasceram no Imperio 37 escravos e 62 escravas.

No total da população ha livres: 799 cegos 378 surdos-mudos, 2,593 aleijados, 326 dementes e 423 alienados; 480 cegas, 244 surdas-mudas, 912 aleijadas, 266 dementes e 231 alienadas; escravos: 47 cegos, 6 surdos-mudos, 112 aleijados, 10 dementes e 7 alienados; 25 cegas, 8 surdas-mudas, 87 aleijadas, 8 dementes e 11 alienadas.

A população livre maior de 16 annos é de 180,003 homens e 181,149 mulheres.

Dos homens sabem ler 58,657 e das mulheres 20,903.

A população escolar de 6 a 15 annos eleva-se a 184,315, sendo 93,829 do sexo masculino e 90,486 do feminino.

Frequentam escolas 10,021 meninos e 5,399 meninas; não as frequentam 83,808 meninos e 85,087 meninas.

Existem na provincia 99,904 casas habitadas, 2,989 deshabitadas com 100,207 fogos.

Publicação. — Sob o titulo O partido republicano na provincia de S. Paulo, por Thomaz Jefferson (F. Rangel Pestana) foram publicados em livro uma série de artigos que appareceram na Provincia de S. Paulo e foram transcriptos no Globo.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Nossa Senhora de Lourdes. — Para o calix de ouro que tem de ser offerecido á Santissima Virgem, temos recebido. 1:686%000 Commendador José de Souza

Table listing names and amounts: Breves 50%000, Padre José B. Moreira 20%000, Vigario José Ribeiro Gonçalves 10%000, Antonio Monteiro Cesar Miné 10%000, M. L. S. 10%000, M. J. L. C. 6%000, Uma catholica 5%000, Uma devota 3%000, Um anonymo 1%000, Thomaz L. S. 5%000. Total: 1:800%500

Aos catholicos do Imperio. — Sob a presidencia de S. Ex. Revma. o Sr. bispo diocesano, organisou-se uma comissão central, á qual se podem dirigir as pessoas que desejarem esclarecimentos acerca da romaria ao Vaticano, e á qual igualmente poderão entregar as contribuições para o obolo de S. Pedro; de que os romeiros devem ser portadores.

A comissão declara que já tem em seu poder cinco contos de réis para o obolo.

Comissão central da romaria ao Vaticano.

Presidente, S. Ex. Revma. o Sr. bispo diocesano, palacio da Conceição.

Membros: Conselheiro Dr. Ignacio da Cunha Galvão, rua do Lavradio n. 71; Luiz Afonso de Moraes Torres, rua de Santa Luzia n. 61; João Cardoso Vieira e Azera, rua da Candelária n. 21; Dr. Matheus da Cunha, rua da Conciliação n. 1; Francisco de Borgia Marques Lisboa, rua de S. Clemente n. 67; Dr. Antonio Sebio Moreira de Sá, ladeira do Seminario n. 8.

A redacção do Apostolo continúa a prestar-se a receber as contribuições para o mesmo fim.

Juramento solemne da Conceição Immaculada da Virgem. — 25 de Março de 1876.

Fallecimento, 6 de Novembro de 1856, em uma segunda-feira, com 52 annos 7 mezes e 18 dias de idade, e 16 annos menos 2 dias de reinado.

A Imprensa no Japão. — Conta-se neste paiz mais de cincoenta jornaes; só em Tokio se deparam mais de vinte. Esses jornaes são de uma extraordinaria variabilidade: ha-os sérios, humoristicos, illustrados, satyricos, dedicados exclusivamente ao belo sexo etc., etc.

A creação destas folhas volantes realisou-se de uma fornada ha cousa de quatro ou cinco annos; até-ahi substituiam-se de algum modo por meio de pequenas brochuras, que sahiam



